

Os Conselhos Operários e a Revolução nas práticas da Internacional Situacionista (1957 – 1972)

Marcus Vinícius Costa da Conceição

Universidade Federal de Goiás

Goiânia – Goiás – Brasil

mvc.costa@gmail.com

Resumo: A Internacional Situacionista se dedicou, durante o período de sua existência, a uma prática muito profícua a respeito das questões que envolviam o tema da Revolução e dos Conselhos Operários. Partindo de formulações teóricas, ou seja, como eles interpretaram os movimentos históricos, a partir de suas perspectivas, e sua atuação política. Pretende-se destacar e analisar quais os caminhos percorridos pelos situacionistas a respeito desses dois temas e como eles defendiam o papel central dos conselhos operários durante uma revolução social.

Palavras-chave: Internacional Situacionista. Conselhos Operários. Revolução.

Introdução

Quando a Internacional Situacionista (IS)¹ surgiu em 1957, constituía-se como um grupo preocupado com o fazer artístico, com os problemas que a arte, sobretudo a de vanguarda, enfrentava naquele momento. Para os situacionistas, a arte passava por um período sem inovação, e geralmente, como mera repetição do dadaísmo e do surrealismo, o que acabou os levando a pensar e agir com o objetivo de não somente se apropriarem, mas também, superar estas antigas vanguardas. “O dadaísmo quis *suprimir a arte sem realizá-la*; o surrealismo quis *realizar a arte sem suprimi-la*. A posição crítica elaborada desde então pelos situacionistas mostrou que a supressão e a realização da arte são aspectos inseparáveis de uma mesma *superação da arte*” (DEBORD, 2006, p. 125, *grifos nossos*). Desta

¹ A Internacional Situacionista é um grupo artístico-político de caráter internacional que se forma na Europa em 1957 e encerra as suas atividades em 1972. No período da sua existência teve interesse nos mais diversos assuntos: desde a arquitetura e urbanismo, passando pela arte contestatária, pelo cinema, pela prática política. Aqui neste trabalho a IS é compreendida em duas fases: uma primeira (1957 – 1962) relacionada a aspectos artísticos e urbanísticos e uma segunda (1962 – 1972) relacionada a aspectos mais estritamente políticos, como a análise da sociedade e do Estado no pós- segunda guerra.

forma, acreditavam os situacionistas que a revolução naquele momento na Europa deveria ser realizada a partir da arte e levando em consideração seus aspectos mais inovadores, não rejeitando as influências anteriores, mas sim, incorporando-as e sendo capazes de construir novas formas artísticas que fossem capazes de ser autocríticas tanto no mundo artístico quanto no mundo em geral. Por este motivo, a IS se definia, em sua primeira revista, como “uma tentativa de organização de revolucionários profissionais da cultura” (INTERNACIONAL SITUCIONISTA, 2001, p. 22), e sua concepção versava por fazer uma revolução cultural, não nos moldes da chinesa, mas sim uma que afetasse prioritariamente a vida cotidiana, que trouxesse um novo modo de pensar e agir através de uma nova expressão cultural que não se baseasse no que se entendia por espetáculo e consumismo, símbolos áureos do capitalismo daquele período.

Diferentemente da revolução política com uma base social, como a exemplo do que ocorreu na Rússia (e que não trouxe uma mudança de mentalidade efetiva); a revolução cultural que a IS propunha teve por base primeiramente a mudança de mentalidade, pois acreditavam que não seria efetiva uma revolução social já que a sociedade não estava preparada para tal mudança. Dessa forma, neste primeiro momento, os situacionistas se preocuparam tanto com a questão do lúdico, pois acreditavam ser um meio de preparação para esta revolução cultural.

O exercício dessa criação lúdica é a garantia da liberdade de cada um e de todos, no âmbito da única igualdade garantida pela não-exploração do homem pelo homem. A libertação pelo jogo é sua autonomia criativa, *que supera a antiga divisão entre o trabalho imposto e os lazeres passovivos*” (INTERNACIONAL SITUCIONISTA, 2001, p. 144, *grifos nossos*)

Baseados nesta visão sobre a arte, os situacionistas realizavam suas atividades como exposições artísticas, intervenções urbanas e todo tipo de produção teórica. Usavam, principalmente, a revista *Internationale Situationniste* (rIS) como meio de alcançarem seus objetivos e colocarem em prática suas formulações, como demonstra o excerto abaixo:

Toda revolução nasce da poesia, se faz em primeiro lugar pela força da poesia. É um fenômeno que escapa e segue escapando aos teóricos da revolução – é verdade que não podemos compreender isto se nos escapa, todavia, à velha concepção da revolução ou da poesia –, mas que é pressentido pelos contrarrevolucionários. A poesia, ali onde existe, lhes dá medo: tratam desaforadamente de se desenvergonhar dela com ajuda de diversos exorcismos, desde o auto de fé até a investigação estilística pura. O momento da poesia real, que tem “todo o tempo adiante”, pretende sempre reorientar de acordo com seus próprios fins o conjunto do mundo e o futuro. Enquanto dura, suas reivindicações não podem cair no compromisso. Volta a pôr em jogo as dívidas não liquidadas da história. Fourier e Pancho Villa, Lautréamont, os marinheiros de Kronstadt ou de Kiel, e todos os que se prepararam no mundo, com ou sem a gente, para a larga revolução, são também os emissários da nova poesia (INTERNACIONAL SITUCIONISTA, 2004, p. 88).

A revolução para o grupo se dá justamente no cruzamento entre o (des)fazer artístico e a vida cotidiana, pois é neste espaço desprezado e pouco estudado, que poderiam experimentar a criação de situações e a elevação da vida cotidiana a uma condição revolucionária.

Neste projeto, a cidade tinha uma importância fundamental, pois era neste espaço, que se desenvolviam todas as atividades da IS, uma vez que, para Debord (2006), o capitalismo foi responsável – segundo Marx – por subordinar o campo à cidade trazendo uma nova dinâmica populacional responsável pela luta pela liberdade. Caberia ao proletariado fazer da cidade – segundo Debord (2006): “a cidade é o *espaço da história*” – o lugar da liberdade.

A cidade, até 1962, teve importância central na fundamentação do processo revolucionário para a Internacional Situacionista, passando, após este período, a ter uma posição marginal, já que o urbanismo, antes considerado em seu aspecto revolucionário, passa a ser entendido como uma ideologia. As artes, que até 1962, tinham peso tão grande ou até maior que a cidade, passaram por um processo semelhante de marginalização. No entanto, a posição situacionista não foi de considerá-las uma ideologia, mas de compreender que somente as artes não seriam as únicas responsáveis por levar as pessoas à Revolução, mas sim, que elas seriam um elemento de apoio nesta caminhada. Tanto que os situacionistas continuaram a publicar quadrinhos com aspectos críticos, fizeram filmes e escreveram um pequeno manual na sua revista de nº 11 – Os situacionistas e as novas formas de ação na política e na arte – como meio de absorver as mudanças acontecidas na IS após 1962.

Desde a sua fundação, os situacionistas, mesmo não recorrendo em um primeiro momento às teses marxistas, já almejavam, com as suas atividades, a construção de uma sociedade sem classes, baseada no que Marx chamou de “sociedade livre e igual dos produtores”. Em sua primeira fase, acreditavam ser possível alcançar essa sociedade através do que denominavam de *jogos revolucionários*, que eram práticas baseadas nas suas técnicas urbanas e artísticas que vislumbravam a crítica do capital e a incitação para a criação de uma nova vida cotidiana. Porém, com o amadurecimento das análises que vinham sendo feitas, na revista, a entrada de novos membros no grupo, o expurgo do grupo puramente artístico e, acima de tudo, o contato com outros grupos (como o “Socialismo ou Barbárie”²)

² Grupo socialista libertário francês, originado a partir de uma dissidência do movimento trotskista, fundado em 1948 e autodissolvido em 1967. Durante a sua existência publicou 40 números da sua revista *Socialisme ou Barbarie. Organe de critique et d'orientation révolutionnaire* que buscava expor as ideias de um marxismo antiautoritário e crítico do leninismo, da classificação URSS e dos países “socialistas” do Leste Europeu como um Capitalismo de Estado comandados por uma nova classe social – a burocracia – e destacando o papel dos conselhos

e outros intelectuais (como Henri Lefebvre) abriu as portas do marxismo e um novo tipo de percepção sobre a revolução aportada na IS. É preciso frisar que, apesar da nova noção de revolução que a IS passou a trabalhar, baseada em uma noção mais “tradicional” marxista, nunca abandonaria sua premissa de que a revolução partia da vida cotidiana e que a mudança de mentalidade era fundamental para a vitória da revolução, pois como a IS postula:

(...) o projeto revolucionário não pode aceitar a ideia clássica do jogo limitado no espaço, no tempo e na sua profundidade qualitativa. O jogo revolucionário, a criação da vida, se opõe aos resíduos do passado jogado [...] A revolução da vida cotidiana não poderá tirar a sua poesia do passado, senão somente do futuro³ (INTERNACIONAL SITUACIONISTA, 2001, p. 197).

O primeiro documento a trazer esta nova posição situacionista sobre a revolução foi o *Preliminares para uma definição da unidade de um programa revolucionário* (1960), como um programa conjunto entre os situacionistas e o grupo *Socialismo ou Barbárie*. Este documento não chegou a ser publicado na IS, apesar de ter, na revista de nº5, uma menção à sua publicação. O texto era a junção da visão da revolução cultural situacionista com a revolução social operária do *Socialismo ou Barbárie*. O ponto principal deste panfleto foi o reconhecimento pelos situacionistas que o movimento revolucionário era a expressão da luta do proletariado:

O movimento revolucionário não pode ser outra coisa a não ser a luta do proletariado pela dominação efetiva, e a transformação deliberada, de todos os aspectos da vida social; e em primeiro lugar pela gestão da produção e a direção do trabalho pelos trabalhadores que assumem diretamente a totalidade das decisões (CANJUERS & DEBORD, 1960, s/p.).

Este reconhecimento teve grande importância, a partir deste momento, pois os situacionistas começaram a enxergar qual era, realmente, seu papel diante das atividades revolucionárias e passaram, até mesmo, a negar sua antiga visão enquanto grupo de vanguarda artística, ressignificando-se a um grupo de produção e apoio para a revolução.

No entanto, ao tomarem consciência da posição do trabalhador como responsável por conduzir a revolução e a construção de uma nova sociedade, os situacionistas chegaram a outro impasse. Como se daria este processo revolucionário? Como os trabalhadores se organizariam? A resposta veio do mesmo grupo que apresentou o sujeito revolucionário para a IS.

operários na luta dos trabalhadores. No início dos anos de 1960, acontece o contato do presente grupo com a Internacional Situacionista, através do qual é redigido o documento *Preliminares para uma definição da unidade de um programa revolucionário* por Guy Debord e Pierre Canjuers (1960).

³ O texto *Instruções para tomar as armas* foi um dos primeiros textos em que houve a defesa aberta e irrestrita dos conselhos operários como meio revolucionário.

Os conselhos operários aparecem para a IS como os responsáveis pelo processo de criação da nova sociedade. Visto que, ao mesmo tempo em que se portavam como uma unidade de produção, também carregavam o embrião da nova sociedade sem classes, uma vez que a regulação das relações, no interior do conselho, ocorreria de forma horizontal, sem a divisão entre dirigentes e dirigidos, algo tão caro ao partido e ao sindicato. Ao mesmo tempo em que os situacionistas começaram a fazer a defesa dos conselhos operários como forma de organização, seu ataque às estruturas do capital e suas formas organizativas tornaram-se mais fortes e contundentes.

Isto se deve a uma premissa que já havia sido formulada pelos comunistas de conselhos: a de que não bastava a defesa dos conselhos, mas era necessário o ataque e o desmascaramento das outras formas burocráticas de organização, em especial, desmistificar o papel da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) como sendo um país socialista. Neste momento, os situacionistas confluíram com as principais correntes da extrema-esquerda ao considerarem a União Soviética como sendo uma sociedade Capitalista de Estado, pois o que ocorreu foi “a tomada do monopólio estatal da representação e da defesa do poder dos operários, que justificou o partido bolchevique, fez com que *ele se tornasse o que era*: o partido dos proprietários do proletariado, eliminando no essencial as formas anteriores de propriedade” (DEBORD, 2006, p. 69).

Um dos pontos da crítica situacionista contra a URSS se deu pelo fato de que a elevação do Partido Bolchevique, em outubro de 1917, representou o começo do fim do poder dos conselhos operários. Isso ocorria devido ao fato de que, para os situacionistas, os bolcheviques enxergavam os sovietses mais como uma ameaça ao seu poder do que um parceiro para construir a futura sociedade comunista. Por este motivo, a subordinação dos sovietses ao Partido Bolchevique. O ponto que mais demonstrava este distanciamento de objetivos para os situacionistas foi o massacre de Kronstadt⁴.

Kronstadt foi visto pelos situacionistas como o bastião dos sovietses em uma Rússia que caminhava para um processo de burocratização e de morte dos mesmos. O ataque aos sovietses de Kronstadt pelo exército vermelho liderado por Trotsky foi encarado como o fim de qualquer possibilidade de construção de uma sociedade comunista na URSS, pois, diferentemente do partido que procurava ligar o poder a sua estrutura, a palavra de ordem de Kronstadt era: “Todo Poder aos Sovietses”.

⁴ O massacre de Kronstadt aconteceu em março de 1921 após uma revolta de marinheiros russos na base de Kronstadt, que ficava no Golfo da Finlândia, que exigiam uma mudança de postura política do governo bolchevique, que para os marinheiros estava adotando uma política ditatorial.

A IS encarava os conselhos operários como um elemento de combate ao processo de burocratização da sociedade soviética, como ocorreu com as reivindicações dos soviets de Kronstadt⁵. Para os situacionistas, por se portarem como órgãos de poder dos trabalhadores e terem na sua estrutura uma horizontalidade em suas decisões, com cargos que poderiam ser delegados e retirados pelas decisões das assembleias, os conselhos contribuíram para combater o avanço da burocracia. No entanto, a derrota de Kronstadt colocou por terra toda a perspectiva de combate contra esta nova classe dirigente.

A burocracia foi descrita como a classe dominante da sociedade Capitalista de Estado, uma vez que ela veio substituir a burguesia e estabelecer os novos parâmetros de controle da sociedade e da produção. Debord (2006) coloca a burocracia como uma classe capaz de se adaptar às mudanças e conferir a ela suporte necessário para sua perpetuação no poder. Partindo desta premissa, a IS definiu como burocracia “um poder estabelecido com base na posse estatal da nação, devendo obedecer à lógica da sua própria realidade segundo os interesses particulares impostos pelo nível de desenvolvimento do país que ela possui” (INTERNACIONAL SITUCIONISTA, 2001, p. 468). Esta característica foi reforçada pelo fato da burocracia representar o poder do Estado e por somente este ser o detentor dos meios de produção, dos principais recursos e sua capacidade de impor as suas vontades, como ocorreu com os soviets, mesmo que fosse necessária a força da repressão, que era elevadíssima, e representava o seu maior trunfo.

O ataque não ocorreu somente com a Rússia, mas também com os outros países que adotavam o chamado “Socialismo realmente existente”. Países que faziam parte da cortina de ferro, Cuba e, principalmente, a China⁶ foram alvos das análises situacionistas sobre a sociedade e sobre a revolução que estes países levaram adiante.

⁵ Os marinheiros de Kronstadt redigiram uma resolução em 26 de fevereiro de 1921 em que expunham 15 pontos as suas reivindicações. Destacaremos os seis pontos que consideramos mais importantes: “1º Dado que os soviets atuais não expressam a vontade dos operários e dos camponeses, organizar imediatamente novas eleições aos soviets por voto secreto, cuidando de organizar uma propaganda eleitoral livre; 2º Exigir a liberdade de expressão e de imprensa para os operários e para os camponeses, os anarquistas, e aos partidos socialistas de esquerda; 3º Exigir a liberdade de reunião e a liberdade das organizações sindicais e das organizações camponesas; 5º Liberar todos os presos políticos dos partidos socialistas assim como todos os operários e camponeses, soldados vermelhos e marinheiros presos dos mais diferentes movimentos operários e camponeses; 7º Suprimir todas as seções políticas pois nenhum partido deve ter privilégios para a propaganda de ideias e nem receber do Estado recursos para este fim. Em seu lugar devem ser criados círculos culturais selecionados com recursos provenientes do Estado; 10º Suprimir os destacamentos de combate comunistas nas unidades militares e desaparecer com o serviço de guarda comunista nas fábricas e oficinas. No caso de necessidade desses serviços de guarda, designá-los por companhia em cada unidade militar tendo em conta a opinião dos operários”. (METT, 2006, 49 – 51).

⁶ A maior evidência por parte da China se destaca pela entrada na IS de René Viénet que era um pesquisador sobre a História da China, especialmente sobre o período da Revolução de Mao.

O papel dos Conselhos Operários na perspectiva situacionista

Os primeiros escritos em que a IS tratava dos conselhos operários remetiam ao início da década de 1960, na ocasião da viragem política do movimento, tornando-se progressivamente constantes ao longo da década, em especial, nos anos precedentes aos eventos do maio de 1968 e posteriormente (com destaque para os números 10 a 12 da *rIS* e os livros *A sociedade do espetáculo* e *Enragés e situacionistas nos movimentos das ocupações*).

Os escritos situacionistas sobre os conselhos operários podem ser divididos em três grupos: O primeiro remetia a análises históricas de revoluções e de insurreições nas quais a presença dos conselhos foi de grande importância; o segundo eram textos teóricos que tratavam do papel dos conselhos, da autogestão nas lutas e a importância de suas funções; o terceiro eram textos que retratavam a participação da IS nos conselhos.

A primeira forma foi a mais explorada e serviu de sustentação para a construção das outras duas formas de análises realizadas pela Internacional Situacionista. Procurando realizar um histórico das lutas operárias, a partir da emergência dos conselhos operários, a IS teve como alvo demonstrar que esta forma de organização esteve presente em praticamente todas as principais revoluções do século XX – além da Comuna de Paris – e que ela se constituiu como expressão do proletariado em luta.

No artigo *Preliminares sobre os conselhos e a organização conselhista*, René Riesel (2001) procurou avançar na interpretação da importância dos conselhos operários no decorrer das revoluções, demonstrando que somente os conselhos eram capazes de estabelecer a ditadura anti-estatal do proletariado e promover a superação da sociedade capitalista. Para definir o que vinha a ser um conselho dos trabalhadores, separando o que ele enxergava como deformações dos conselhos – as formas existentes na Rússia ou na Argélia – ele os define como “a forma da unificação prática dos meios materiais e intelectuais para mudar todas as condições existentes e realizar soberanamente sua história. O Conselho pode e deve ser a organização em ação da consciência histórica” (INTERNACIONAL SITUCIONISTA, 2001, p. 588).

Partindo desta premissa sobre os conselhos, concluiu que muitos dos movimentos que tiveram os conselhos operários como forma de organização não chegaram a desenvolvê-los completamente. Atribui essas dificuldades tanto a existência de partidos e sindicatos nas tarefas dos conselhos quanto na própria dinâmica da luta que muitas vezes não possibilitava a expansão das ações dos conselhos para fora das fábricas.

Riesel (2001) enxergava na Rússia e na Alemanha (especialmente em Berlim) os principais polos nos quais o partido foi responsável por não aceitar o desenvolvimento dos

conselhos de uma forma que os permitisse expandir como forma de organização geral da sociedade. O caso russo foi novamente o mais explorado, até mesmo pela importância histórica da Revolução Russa. O Partido Bolchevique foi encarado como adversário dos conselhos, apesar destas organizações não conseguirem enxergar a relação naquele momento. O fato de Lênin vislumbrar os conselhos como órgãos de fiscalização do Estado e não como os órgãos de poder dos trabalhadores, era visto, pelos situacionistas, como a prova cabal da ação pretendida pelos bolcheviques, desde a tomada do poder em outubro, enxergavam a palavra de ordem de Lênin, “todo poder aos soviets”, como uma forma de agradar aos operários e ganhar a confiança dos conselhos. Para os situacionistas, a visão estadista de Lênin nunca o permitiria compartilhar o poder do partido com outras organizações que não fossem a ele subjugadas e foi isso que os soviets acabaram se tornando para os situacionistas: meros fantoches.

Esta visão do processo russo foi compartilhada por Debord (2006) que, ao destacar o papel dos bolcheviques no processo de burocratização das lutas na Rússia, evidenciou o modo pelo qual os conselhos foram submetidos no processo de burocratização, destacando o papel de não permitir o acesso de operários a cargos mais altos dentro das esferas de sindicatos, partidos e até do governo. Apesar de não concordar com essas formas de organização, Debord (2006) tinha como intuito mostrar como os operários não detinham de fato o poder nas esferas representativas na Rússia, uma vez que os bolcheviques fizeram com que seu partido se tornasse o “proprietário dos proletários”.

A este processo os situacionistas definiram como ideologização dos conselhos operários, que estava presente em outras revoluções como a alemã e até mesmo se manifestava de outra forma nos grupos conselhistas alemães da década de 1920.

Esta ideologia se manifesta, não somente como formas de ideologias hostis, ou como formas de ideologias *sobre os Conselhos* edificados por forças políticas que querem submetê-los, senão também como forma de uma ideologia favorável ao poder dos *Conselhos* que restringe a teoria e a práxis total (RIESEL, 2001, p. 591).

O destaque no texto de Riesel foi, sem sombra de dúvidas, as críticas perpetradas aos conselhistas alemães da década de 1920/30 na Alemanha. Para o autor, a criação de partidos como o KAPD⁷ e a sua auxiliar A.A.U.E⁸ (responsável por organizar os conselhos

⁷ Era o Partido Comunista Operário da Alemanha. Foi fundado como uma fração conselhistas do Partido Comunista Alemão e que tinha, como princípio de atuação, o apoio e a defesa dos conselhos operários e não aceitava a atuação em parlamentos como definido no 2º Congresso da Internacional Comunista foi exposto por Lênin em *O Partido Comunista e o Parlamentarismo*, por acharem que a partição nesta forma de organização burguesa traria mais prejuízos que aspectos positivos para a luta do operariado.

⁸ União Geral dos Trabalhadores – Organização Unitária. Fundada em outubro de 1921 na Alemanha, teve como objetivo ser uma organização unitária política e econômica do proletariado no processo de luta revolucionária Alemã no início da década de 1920 erigida sobre auto-organização dos conselhos operários.

operários) foi um típico exemplo do surgimento de organizações que defendiam os conselhos operários, mas ainda se baseavam na dicotomia entre formas de organizações que atuavam na defesa desses conselhos operários.

A existência de um partido como o KAPD, que atuava em separado das massas apesar de apoiarem as ações da A.A.U.E foi inconcebível, pois na visão situacionista elas eram instituições separadas das organizações operárias e criavam práticas como a volta da noção de vanguarda. A única ressalva que a IS fez foi em relação a A.A.U.D-E que era uma repartição do KAPD e que se propunha a ser uma organização unitária que, enquanto persistisse o movimento revolucionário na Alemanha, a sua razão de existir estava presente, passado esta, cairia em uma perspectiva da ideologia conselhistas.

Não era pelo fato da IS fazer essas críticas aos conselhistas, como também ao austro-marxista Max Adler, que significava que não incorporaram muitas das premissas conselhistas, pelo contrário, incorporaram e readaptaram muitas de se suas ideias.

Como já observado no decorrer das análises, a IS sempre procurava criticar e atacar mesmo aqueles com os quais tinham ideias semelhantes e poderiam ter alguma proximidade. Como visto acima, as ideias desenvolvidas pelos conselhistas tinham sim um peso nas formulações posteriores de grupos que reivindicavam os conselhos operários como o principal impulso revolucionário e a IS não se encontrava fora destes grupos, apesar das suas objeções e ataques.

Além de fazer a análise das revoluções, partindo da perspectiva dos conselhos operários, a IS também realizava a análise das lutas contemporâneas do operariado em que os conselhos se desenvolveriam como a base da sua luta. Foi assim com o processo de Independência da Argélia⁹, e também no diagnóstico empreendido sobre os novos modelos de oposição que estavam surgindo na Espanha, em contraposição ao regime franquista.

Após a Guerra Civil Espanhola e a repressão franquista a partir da vitória em 1939, um movimento baseado nos conselhos só voltou a se tornar forte, na Espanha, a partir de 1962, segundo Nils Ynoones (s/d.), quando emergiu a greve dos mineiros nas Astúrias que mobilizaram em torno de 60 mil operários e logo se expandiram para o resto do país.

Sobre este primeiro movimento nas Astúrias, a IS não publicou nenhum texto específico, porém, trouxe outro meio de difundir e trabalhar esta greve, sendo realizado através de uma fotomontagem (publicada na *IS* 9), como meio de transgredir a própria imagem difundida como símbolo da sociedade capitalista. A utilização de fotos com caráter

⁹ Sobre este tema consultar CONCEIÇÃO, 2011.

pornográfico para o *détournement*¹⁰ foi o primeiro item do texto-manifesto *Os situacionistas e as novas formas de ação na política e na arte* (*Internationale Situationniste* nº11), escrito por René Vienet (2001). Acreditavam que este tipo de foto atrairia mais atenção do público e, desta forma, seria um meio mais fácil e rápido de difundir a sua mensagem;



Tract clandestin en Espagne. « Je ne connais rien de mieux que coucher avec un mineur asturien. Voilà des hommes ! »

Figura 1 – Colagem realizada pelos situacionistas.
Fonte: *Internationale Situationniste* nº 9, 1964, p. 164.

Estas fotomontagens eram muito comuns na *IS*, pois os situacionistas a enxergavam com um alto poder crítico. Além de montagens realizadas com fotos, outro item muito utilizado por eles também era as HQs (também presentes no texto manifesto da *Internationale Situationniste* nº11) de super-heróis que tinham as suas frases *deturnados* com o objetivo de transmitirem as suas mensagens ou de própria criação situacionista. Essa forma de intervenção social ganhou destaque com as HQs *deturnados* publicadas durante o maio de 1968.

Após a fotomontagem, somente na *rIS* nº10, publicada em março de 1966, que aparece uma apreciação mais acabada sobre a constituição dos conselhos operários na Espanha. O principal meio de análise que os situacionistas realizaram foi através de uma revista denominada *Acción Comunista*. A *IS* procurou perceber quais eram os principais acertos e o que eles enxergavam como diagnósticos equivocados. A revista se propõe a ser uma ferramenta de luta contra o franquismo, porém, rompendo com a esquerda tradicional e a política, denominada de conciliação feita pelo Partido Comunista Espanhol. Para isto, o

¹⁰ Traduz comumente como desvio, no entanto preferiu-se manter o termo original por não achar que a tradução não condiz completamente com a sua função como os situacionistas a defendiam. Os situacionistas, definem o *détournement* como “Abreviação da expressão: desvio de elementos estéticos pré-fabricados. Integração de produções artísticas, atuais ou passadas, em uma construção superior do ambiente. Nesse sentido, não pode haver pintura ou música situacionista, mas um uso situacionista desses recursos. Num primeiro sentido, o desvio no interior das antigas esferas culturais é um método de propaganda, que comprova o desgaste e a perda de importância dessas esferas” (INTERNACIONAL SITUACIONISTA *apud* JACQUES, 2003, p. 66).

principal ponto defendido pela *Acción* foi a defesa dos conselhos operários como órgãos de organização e mobilização revolucionária das massas.

A IS aceitou a maioria dos pontos de ação definidos pela *Acción* como sendo responsabilidade dos conselhos de operários e da própria revista. Todavia, o alvo que os situacionistas miraram foi a não definição e combate constante da revista contra o que a IS denominou de inimiga dos conselhos operários, os países capitalistas de Estado. Para os situacionistas, a defesa dos conselhos não poderia, de forma alguma, estar desconectada da crítica realizada a esses Capitalistas de Estado e ao seu modo de encarar a condução da sociedade, realizando a opressão constante da classe trabalhadora, como meio de perpetuar o poder da separação.

Para pensar o papel dos conselhos nos escritos considerados mais teóricos era preciso compreender que essa construção não ocorreu de maneira separada da noção de autogestão social. Esses escritos foram abordados utilizando o conceito de autogestão social para dar uma definição daquilo que Marx chamou de “livre associação dos produtores” e “autogoverno dos produtores”. Apesar do termo ser criado na década de 1960 ele remete bem a ideia definida por Marx, pois nele, a presença do Estado seria eliminada e ocorreria a passagem à sociedade comunista. Caberia aos conselhos operários serem os responsáveis por conduzir sua luta e ampliar para toda a sociedade o projeto de autogestão social baseado em suas experiências a partir das lutas conduzidas, tanto no interior da fábrica contra as burocracias técnicas, quanto a luta travada no exterior da fábrica contra a opressão estatal, uma vez que não era possível conduzi-las separadamente, pois a opressão do trabalho dentro da fábrica somente cairia quando o Estado fosse destruído.

Das três formas de análises realizadas sobre os conselhos operários pelos situacionistas, a última que foi abordada constituiu-se na mais profícua de todas e referia-se aos escritos situacionistas sobre o maio de 1968, tanto alisando a sua participação quanto os eventos e as limitações de partidos e sindicatos na sua atuação.

A sociedade francesa na década de 1960, apesar de ainda estar imersa no Estado de bem-estar social, já não conseguia atender a demanda das novas gerações de jovens que nasceram especialmente nos anos de 1950. Para esta nova geração não bastava um bom salário, uma casa e um carro, era preciso algo mais. As próprias formas de representação tradicionais começavam a ser rechaçadas por estes jovens, visto a diminuição da juventude do Partido Comunista Francês e o aumento de grupos e pequenas facções que iam do Maoísmo ao anarquismo, passando por correntes trotskistas e pelos conselhistas. O próprio governo de *De Gaulle* passou a ser contestado por estes jovens, pois suas reformas que

visavam à integração destes jovens no cenário social francês, como a reforma universitária, acabaram causando, em um primeiro momento, mais problemas que soluções.

Foi com a ânsia destes jovens em procurarem novas formas de organização, que os situacionistas realizaram sua primeira intervenção política em um movimento e que os fizeram sair de uma posição de grupo desconhecido a “inimigos” número um do *establishment*.

A primeira atuação dirigida pelos situacionistas a um movimento se referia a publicação do panfleto *A miséria do meio estudantil – considerada em seus aspectos econômico, político, psicológico, sexual e, mais particularmente, intelectual, e sobre alguns meios para remediá-la*¹¹ (2001), em novembro de 1966, na Universidade de Estrasburgo. Este panfleto foi escrito pela IS a pedido de um grupo de estudantes desta Universidade, simpáticos aos situacionistas e que, ao ganharem a eleição para o diretório central dos estudantes (AFGES) com a promessa de extingui-lo, não sabiam como fazê-lo. Logo entraram em contato com os situacionistas que tiveram a ideia do panfleto e o publicaram com o dinheiro do diretório fazendo com que este fosse levado à falência. A partir deste momento, os situacionistas se tornaram conhecidos da grande mídia francesa, uma vez que suas antigas intervenções (ligadas ao mundo das artes) não tinham tido grande respaldo da mídia.

Quando a IS publicou o panfleto, o intuito foi o de demonstrar qual o papel que o estudante tinha dentro do sistema social, em especial o francês. Sua principal tese era de que o sistema de ensino servia como meio de reforçar a alienação já presente na sociedade, tentando passar para este estudante que, quanto mais ele estudasse, melhor se portaria no degrau social do capitalismo. Porém, para a IS, esta era a maior falácia que o capitalismo pode criar em relação ao sistema de ensino, pois para ela, quanto mais se avançasse, mais repressora e hierárquica se tornaria a educação, além do fato de que a própria estrutura social não conseguiria absorver toda a mão de obra produzida, sendo que a maioria destes estudantes alcançaria no máximo um cargo de “*pequenos funcionários*” (ou seja, o equivalente à função de operário qualificado no século XIX – mas sem a consciência revolucionária. O operário não tinha a ilusão de ser promovido)” (INTERNACIONAL SITUCIONISTA, 2001, p. 33).

Não bastava, contudo, para a IS, denunciar e demonstrar o papel que este estudante detinha na sociedade, era necessário, também, mostrar as bases pelas quais ele deveria se

¹¹ Este texto foi somente publicado na forma de panfleto e diferentemente de outros panfletos ele não foi republicado na r/S. A primeira versão que foi distribuída na Universidade, em novembro de 1966, teve uma tiragem de 10.000 mil exemplares. Em março do ano seguinte, saiu a segunda edição com a mesma tiragem e, em 1967, surgiram traduções integrais em países como Inglaterra, Estados Unidos e Suécia e excertos do texto em países como Espanha e Itália, segundo dados da própria IS (publicados na revista de nº11).

assentar para sair desse processo de alienação e integrar-se ao processo revolucionário. Os situacionistas viam potencial revolucionário na juventude daquele momento no mundo (enxergando acertadamente como o “prelúdio da próxima época revolucionária”), mas, para eles, não era possível que essa juventude, em especial a estudantil, achasse que suas organizações seriam capazes de conduzir uma revolução. Para que essa juventude pudesse demonstrar todo esse potencial revolucionário seria preciso a integração entre organizações estudantis e organizações operárias, pois, para os situacionistas, “o proletariado é o motor da sociedade capitalista e, portanto, seu perigo mortal” (INTERNACIONAL SITUACIONISTA, 2001, p. 45), a existência das organizações, em separado, reproduzia a separação reinante no capitalismo.

A IS enxergava que esta integração só ocorreu plenamente ainda no Japão e que por isso, os estudantes e trabalhadores de todos os países deveriam buscar essa mesma integração, como meio de superar o *espetáculo* e conduzir ao nascimento de uma organização unitária capaz de conduzir o processo revolucionário. Esta organização para os situacionistas teria que ter em seu programa, necessariamente, a defesa dos conselhos operários como elemento de emancipação do proletariado e também ter a crítica aos estados que compreendiam como “Capitalismo de Estado”.

Ainda no panfleto, com o intuito de demonstrar os problemas enfrentados pelos partidos e sindicatos frente às novas demandas encabeçadas pelos jovens, os situacionistas escreveram aquela que foi uma das passagens mais lúcidas do que eles consideravam como sendo a função contrarrevolucionária que essas organizações cumpriam;

Os sindicatos e os partidos políticos forjados pela classe operária para a sua própria emancipação tornaram-se simples reguladores do sistema, a propriedade privada de dirigentes que trabalham em prol de suas emancipações particulares e encontram um status dentro da classe dirigente de uma sociedade que eles jamais pensam em colocar em questão. O programa desses sindicatos e partidos apenas repete, de forma grosseira, a fraseologia “revolucionária” e aplica na realidade, palavras de ordem do mais edulcorado *reformismo*, visto que o próprio capitalismo se torna oficialmente reformista (INTERNACIONAL SITUACIONISTA, 2001, p. 51).

O panfleto pode ser encarado como uma prévia das posições que os situacionistas iriam defender quando explodisse a Revolução do maio de 1968 em Paris, dos ataques às organizações que consideravam burocráticas, da união entre estudantes e operariado e à defesa incondicional e do poder dos conselhos operários, estas que eram algumas das principais bandeiras pelas quais os manifestantes do maio de 1968 iriam lutar.

Entre o final de 1966 e os acontecimentos do maio de 1968, os situacionistas gozaram de certo “prestígio” intelectual em alguns meios estudantis e intelectuais. Neste período, mais especificamente em 1967, ocorre a publicação de duas obras teóricas do

movimento *A Sociedade do Espetáculo* de Guy Debord e *A arte de viver para as novas gerações*¹² de Raoul Vaneigem.

A IS, diferentemente das outras análises, observava o início das manifestações do maio francês não em março, com o movimento dos 22, mas em janeiro, quando um grupo de estudantes passou a agir na Universidade denunciando a presença de policiais à paisana. Parte destes estudantes formou, posteriormente, os *Enragés*, um grupo que compartilhava as ideias situacionistas, tinha como prática ação semelhante (como a realização de escândalos na Universidade com a interrupção das aulas e denúncia do seu conteúdo) além de que, atuavam de forma conjunta, a IS e os *Enragés* na ocupação da Sorbonne.

Quando, no início de maio, a revolta estudantil explodiu na França e posteriormente alastrou-se para todo o proletariado, com a ocupação da Sorbonne e de várias fábricas tanto em Paris quanto em outras cidades francesas, os situacionistas enxergaram nessas manifestações a concretização das suas teorias e análises.

É fato que, apesar da crise que o Estado francês passava, principalmente tendo à frente a figura de Charles De Gaulle e seu caráter centralizador, e com as suas reformas em curso, os acontecimentos de maio não eram esperados por ninguém do *establishment* francês. A impressão de que seria apenas mais uma manifestação estudantil permitiu o nível de repressão que foi desencadeado. Porém, o que o maio demonstrou foi que o fator principal pelo qual a manifestação se espalhou por toda Paris e por todo país era que o Estado francês não conseguia conter as ânsias da população, uma vez que, o seu maior trunfo – o Estado de bem-estar social – já começava a dar sinais de declínio.

Os eventos de maio começaram quando alguns estudantes de Nanterre foram expulsos da Universidade – entre eles Daniel Cohn-Bendit e René Riesel – e foram convocadas manifestações na Sorbonne contra esta decisão. A partir deste momento, o movimento de caráter estudantil começou a ganhar conotações revolucionárias, porque as manifestações não ficaram restritas apenas no campo estudantil e, sim, foram além.

Os situacionistas participaram ativamente desde o início do movimento no dia 3 de maio, participando do Conselho de Ocupação da Sorbonne, mas tendo seu papel de maior destaque na criação do Conselho de Manutenção das Ocupações.

Desde a sua criação, o Conselho de Ocupação da Sorbonne tinha por objetivo organizar a luta na Universidade e conectá-la com os outros movimentos que estavam ocorrendo nas regiões da cidade, como as ocupações de fábrica ou de greve. Em sua primeira

¹² Vaneigem no prefácio de seu livro coloca que antes do Escândalo de Estrasburgo o seu livro já tinha sido rejeitado em 13 editoras, somente depois que aquele evento ocorreu que a Gallimard reavaliou a sua posição e decidiu pela publicação do livro.

assembleia, o Conselho definiu como plataforma a defesa dos conselhos operários como único meio de se atingir a transformação da sociedade. Porém, é preciso ter em mente que o Conselho era formado por uma série de correntes que, no geral, não tinham quase nenhuma convergência teórica, o que resultou, no decorrer dos eventos, em um imobilismo por parte do Conselho e, desde sempre, uma luta para se chegar a posições comuns e encaminhá-las. Vienét definiu assim a diferença entre a teoria e a prática do funcionamento do Conselho:

O Comitê de Ocupação estava composto de quinze membros eleitos e reconvidados a cada dia pela assembleia geral, responsáveis perante ela, encarregados de organizar e de manter a ocupação da Sorbonne. Todos os serviços improvisados, o que deviam organizar-se, para o funcionamento e para a defesa do edifício e do que ali se fazia estavam sobre o seu controle. Se tratava de fazer possível permanentemente a discussão livre, de assegurar e de facilitar a continuação das atividades em curso, desde a distribuição de salas a organização de abastecimento; da difusão democrática escrita e oral, à manutenção da segurança. A realidade era muito distinta: burocratas fracassados da U.N.E.F, o velho Kravetz e Peninou, ressurgido do esquecimento que havia justamente se enterrado, tinham escorregados pelos corredores que conheciam muito bem para instalar-se em qualquer porão, desde onde se ocupavam de recuperar todos os fios do *poder real* e coordenar a ação dos técnicos benevolentes de toda espécie, que resultavam em ser seus amigos (VIENÉT, 2008, s/p.).

Um dos principais pontos de divergência se baseava no comitê de imprensa que começou a agir como um elemento destacado do Conselho e não se reportando a ele sobre seus feitos e as notícias que chegavam. Esses desentendimentos levaram ao desmantelamento do Conselho e a formação do Conselho de Manutenção das Ocupações capitaneado principalmente pelos *Enragés* e pela Internacional Situacionista, que já haviam firmado um comitê de ação próprio no dia 14 de maio.

O objetivo do Conselho de Manutenção das Ocupações era continuar com a ocupação da Sorbonne e estender de um modo mais eficaz o apoio aos trabalhadores que estavam ocupando a fábrica e que também iam para a Universidade como meio de apoio mútuo. Por ser formado por um grupo mais reduzido e mais afinado teoricamente, este segundo Conselho foi capaz de levar ao extremo a defesa do projeto dos conselhos operários e atacar mais fortemente a burocracia, que para a IS constituía o verdadeiro perigo nessa revolução, sendo até mesmo superior à presença da repressão estatal.

Em um dos últimos panfletos do Conselho para manutenção das ocupações foi expresso o processo pelo qual entendiam o que deveria ser a constituição do poder dos conselhos operários e de que forma ele deveria ser construído.

A dissolução de todo poder externo, democracia integral e direta, unificação prática da decisão e execução, delegados que podem ser revogados a qualquer

momento por aqueles que os investiram de mandato, abolição da hierarquia e de especializações independentes, gestão consciente, transformação de todos os condicionamentos da vida libertada, participação criativa das massas, prolongamento e coordenação internacionalistas (INTERNACIONAL SITUACIONISTA, 2001, p. 153).

Através destas características, pode-se observar que a noção de conselhos operários para a IS era uma visão completa da transformação social e não somente a gestão das fábricas pelo operariado. Esta noção englobava o que Vaneigem (2001), chamava de autogestão generalizada, ou seja, a expansão do poder dos conselhos por toda a sociedade. Vaneigem (2001, p. 600) viu que o maio foi justamente isso, “o passo a autogestão generalizada mediante a instauração dos conselhos operários”.

Os situacionistas tinham plena convicção de que era impossível ocorrer a revolução somente em um lugar, por isso, ao longo de todo o momento durante as ações de maio, os Conselhos da Sorbonne procuraram estabelecer contatos internacionais com vistas a procurar saber como andavam os movimentos revolucionários e seus desdobramentos nos diversos países. Desta iniciativa, os telegramas enviados pelo primeiro Conselho a Tchecoslováquia e ao Japão, parabenizando-os pelas suas lutas e desejando a vitória da revolução foram os melhores exemplos de adoção desta tática.

No entanto, este projeto só foi possível de ser posto em prática, naquele período, porque ocorreu a confluência de dois principais grupos vistos pelos situacionistas como revolucionários, a juventude e os trabalhadores, formando uma espécie de organização unitária¹³.

Não há como negar que foi através das manifestações estudantis que a revolução começou, porém somente quando os trabalhadores começaram a participar efetivamente das manifestações que começa a ocorrer o processo de formação dos conselhos e que ela se tornou uma verdadeira revolução. Entretanto, dos que consideraram o maio somente como uma revolta ou um agrupado de manifestações estudantis com participação dos trabalhadores, não conseguiram perceber como as reivindicações destes grupos sociais não se encaixavam na estrutura lógica do capital, pois a reivindicação não era somente por aumento de salário, mas sim, por uma nova forma de vida e a construção de uma nova sociedade.

Riesel (2001, p. 599) ao afirmar que “a vitória dos Conselhos não se situa no fim senão no início da revolução” procurou demonstrar que as revoluções já deviam nascer baseadas nos conselhos operários e não o terem como um fim a perder de vista ou ser

¹³ Essa organização nunca existiu de fato e que quando nos referimos a essa pretensa organização, queremos nos remeter a união em luta dos estudantes e trabalhadores. A IS já tinha preconizado no panfleto *A miséria*, analisado acima, que somente com uma organização deste tipo a revolução caminharia.

alcançado após um período de transição, como previa Lênin, e que os conselhos deveriam ser instalados e se tornarem os órgãos de poder da sociedade em detrimento do desaparecimento do partido.

Para os situacionistas, uma das principais positivities ou a marca dos eventos de maio foi a recusa dos sindicatos e partidos tradicionais na condução das lutas. Tanto o Partido Comunista Francês quanto a Confederação Geral do Trabalho (CGT) demoraram muito tempo para ter o acesso e conseguir fazer com que as massas aceitassem minimamente o seu processo de negociação para o término das manifestações. Também a figura do líder revolucionário ficou apagada nestes eventos, apesar da proeminência de Cohn-Bendit, uma vez que a organização se apresentava muito mais em termos de facções e grupos (diversas correntes anarquistas, maoístas, trotskistas, situacionistas, *enragés* entre outros). O Solidarity¹⁴ (2003) trouxe a discussão da dificuldade que a CGT, principalmente, tinha de fazer com que os jovens operários se filiassem ao seu sindicato.

O motivo pelo qual a IS via essa recusa se baseava nas práticas que esses partidos e sindicatos tinham a muito tempo, em especial, de colaboração com o regime de De Gaulle e de se posicionar criticamente em relação aos próprios países que tinham o chamado socialismo real. Em decorrência disso, quando as manifestações de maio eclodiram, a principal forma de organização foi a criação de comissões operárias e a ocupação de fábricas, estas começaram a ocorrer no dia 14 de maio, sendo a Sud-Aviation a primeira, seguidas de muitas outras como a Renault, Citroën e etc.

Em um panfleto os trabalhadores da Renault expressaram bem essa concepção de ir além do que essas organizações tradicionais ofereciam;

Se quisermos nosso aumento salarial e condições de trabalho seguras, se não quisermos que elas sejam constantemente ameaçadas, devemos lutar agora por uma mudança fundamental na sociedade... Sendo trabalhadores, deveríamos procurar controlar o funcionamento de nossa empresa. Nossos objetivos são similares aos dos estudantes. A gestão da indústria e a gestão da universidade deveria ser realizada democraticamente por aqueles que lá trabalham... (SOLIDARITY, 2003, p. 69).

Este processo de autonomização do operariado frente ao seu sindicato foi o que o fez desenvolver a maior greve geral de todos os tempos na França, pois a luta por suas utopias ultrapassou, naquele momento, a esfera das necessidades econômicas e das negociações a portas fechadas da CGT.

¹⁴ Grupo autonomista inglês que teve atuação entre as décadas 1960/80. Seu membro mais conhecido foi Maurice Brinton, autor do livro "Os bolcheviques e o controle operário".

Considerações Finais

Estas visões dos situacionistas sobre os conselhos operários, apesar de reivindicarem toda a tradição histórica desta forma de organização operária, trazia alguns elementos graves em relação à forma com que os situacionistas trabalhavam com ela.

O primeiro erro que foi apontado por Jean Barrot (1979) no seu texto *Crítica da Internacional Situacionista* diz respeito à diferença entre teoria e a prática dos conselhos adotadas pela IS. Para Barrot, o fato da IS defender os conselhos operários, o poder dos trabalhadores e negar o trabalho era um contrassenso, visto que os dois eram as faces de uma mesma moeda.

Porém, compreende-se que, ao negar o trabalho, a IS o fez com o intuito de rechaçar completamente as formas de dominação e alienação que o trabalho submetia o trabalhador na sociedade capitalista. Esta negação do trabalho e a defesa do poder dos trabalhadores estavam interligadas a uma dialética que dizia respeito ao processo de construção da sociedade sem classes que viria a ser instalada através da revolução realizada pelos conselhos operários.

Esta negação ao trabalho atingiu níveis tão extremos, que em uma entrevista de Henri Lefebvre (2008), em que relatava o seu convívio com a IS, explicava a forma como Debord (que em sua autobiografia se definiu como “doutor em nada” em uma clara alusão aos títulos que deixou de adquirir por não frequentar a academia) e Michèle Bernstein (sua companheira) faziam para sobreviver. Além de Debord ter uma pequena herança, Bernstein escrevia horóscopos para cavalos, numa clara visão de subversão dos valores burgueses dados, uma vez que isso, para ela, tornava-se mais uma piada que propriamente um serviço.

Um ponto problemático dos escritos situacionistas foi em relação à negação do trabalho e a sua perspectiva de automação das forças produtivas. Eles acreditavam que o homem desenvolveria a tecnologia de tal forma, na sociedade comunista, que as máquinas seriam capazes de realizar quase todos os serviços, deixando assim, o tempo livre para a criação do homem. Porém, este tempo livre, seria ele mesmo revertido para o processo criador desta automatização.

Esta posição situacionista desenvolvida ainda nos seus tempos artísticos, mas não contestada nos posteriores, produziu a sensação de uma sociedade em que o homem perderia sua capacidade criativa, apesar dos situacionistas enxergarem totalmente ao contrário esta proposta. Esta hipótese desenvolvida pelos situacionistas via a automatização como uma possibilidade de substituir e afetar de modo drástico as formas de produção, mas daí a se

tornar um elemento central da produção foi uma derivação perigosa de tentativa de alcançar uma sociedade capaz de se auto-reproduzir.

Entretanto, o maior problema das análises sobre os conselhos operários pelos situacionistas dizia respeito a sua incoerência em relação a sua organização. Em todos os escritos situacionistas sobre os conselhos operários, apontavam a necessidade da existência de organizações unitárias para que a revolução avançasse. Contudo, ao se observar toda a trajetória da Internacional Situacionista o que se vê é o movimento sempre se colocando como um organismo externo às organizações operárias, sendo que este era o principal foco das críticas realizadas por eles para os conselhistas alemães da década de 1920. Até mesmo no maio de 1968 em que ele teve a possibilidade de formar essa organização unitária, ele não a realizou.

Sendo assim, como seria possível a IS realizar a defesa desse tipo de organização para todas as outras organizações e ela mesma não assumir tal posição? Talvez, o que diga respeito a isso ainda seja o fato da IS ter possuído, nos seus quadros, um número restrito de operários e só aceitar para o quadro de seus membros pessoas que pudessem se dedicar quase que integralmente as suas atividades, o que, para o operariado, tornava difícil a sua participação. Além do que, a IS nunca foi ela mesma amplamente conhecida no meio do operariado, nem mesmo após o maio – sua influência ficou restrita a poucos operários mais radicais. Sua influência ficou circunscrita entre estudantes e intelectuais, o que de certa forma acabou levando a sua autodissolução em 1972 por Guy Debord e Gianfranco Sanguinetti.

As análises realizadas procuraram trazer de maneira mais conclusiva as formas através das quais os situacionistas desenvolveram suas práxis. Percebendo os pontos em que os situacionistas avançaram, mas também as questões em que eles traziam contradições fundamentais propiciou conhecer de maneira mais aprofundada a verdadeira dinâmica da organização e não somente ficar restrita à fala como sendo simplesmente a realidade dada.

LOS CONSEJOS OBREROS Y LA REVOLUCIÓN EN LA PRÁXIS DE LA INTERNACIONAL SITUACIONISTA (1957-1972).

Resumen: La Internacional Situacionista se inclinó durante el período de su existencia en una praxis muy significativa en asuntos relacionados con el tema de la revolución y los consejos obreros. A partir de sus formulaciones teóricas, es decir, cómo se interpretan los movimientos históricos de sus perspectivas, y su acción política tiene como objetivo comprender cuáles son los caminos tomados por los situacionistas sobre estas dos cuestiones y la forma en que defendió el papel de los consejos obreros durante una revolución social.

Palabras Clave: Internacional Situacionista. Consejos Obreros. Revolución.

Referências

- BARROT, Jean. *Crítica de la Internacional Situacionista*. Disponível em: www.comunizacion.klinamen.org Acesso em: 03/01/2010.
- BERNARDO, João. Para uma teoria do modo de produção comunista. Porto: Afrontamento, 1975.
- CANJUERS, Pierre; DEBORD, Guy. Preliminares para uma definição da unidade de um programa revolucionário [1960]. Disponível em: <http://www.reocities.com/projetoperiferia6/programa.htm> Acesso em: 12/11/2011.
- CONCEIÇÃO, M. V. C. A Auto-Organização dos Trabalhadores no Processo de Independência Argelino: a visão da Internacional Situacionista. In: Anais do Colóquio Nacional Marx e o Marxismo 2011: teoria e prática, p. 1-12. Niterói: NEP - MARX, 2011.
- DEBORD, Guy. A sociedade do espetáculo. Comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.
- ENRAGÉS; COMITÉ INTERNACIONAL SITUACIONISTA. Dirigida a todos os trabalhadores. Conselho para a manutenção das ocupações, Paris, 30 de maio de 1968. In: *Situacionista. Teoria e prática da revolução*. São Paulo: Conrad, 2002. pp. 150 - 153.
- INTERNACIONAL SITUACIONISTA. *All the king's men*, in: *Internationale Situationniste*, nº 8, 1963. Madrid: Traficantes de sueños, 2004, pp. 86 - 89.
- _____. A miséria do meio estudantil. In: *Situacionista. Teoria e prática da revolução*. São Paulo: Conrad, 2002, pp. 27 - 60.
- _____. Definições. In: JACQUES, Paola B (org.). *Apologia da deriva: escritos situacionistas sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003, pp. 65-66.
- _____. *El punto de ebullición de la ideología em China*. In: *Internationale Situationniste*, nº 11, 1967. Madrid: Literatura Gris, 2001, pp. 467-476.
- _____. *Instrucciones para tomar las armas*. In: *Internationale Situationniste*, nº 6, 1961. Madrid: Literatura Gris, 2001, pp. 196 - 198.
- _____. *Manifiesto*. In: *Internationale Situationniste*, nº4, 1960. Madrid: Literatura Gris, 2001, pp. 144 - 146.
- _____. *Tesis sobre la revolución cultural*. In: *Internationale Situationniste*, nº1, 1958. Madrid: Literatura Gris, 2001, pp. 21 - 22.
- LEFEBVRE, Henri. A Internacional Situacionista (1983). In: COHN, Sergio; PIMENTA, Heyk. *Maio de 1968*. Rio de Janeiro: Azougue, 2008. pp. 44 - 63.
- METT, Ida. La comuna de Cronstadt. Barcelona: Ediciones Espartaco Internacional, 2006.
- RIESEL, René. *Preliminares sobre los consejos y la organización consejista*. In: *Internationale Situationniste*, nº 12, 1969. Madrid: Literatura Gris, 2001, pp. 588 - 599.
- SOLIDARITY. *Paris: maio de 1968*. São Paulo: Conrad, 2003.
- VANEIGEM, Raoul. *A arte de viver para as novas gerações*. São Paulo: Conrad, 2002.
- _____. *Aviso a los civilizados com respecto a la autogestión generalizada*. In: *Internationale Situationniste*, nº12, 1969. Madrid: Literatura Gris, 2001, pp. 600 - 606.

VIENET, René. *Los situacionistas y las nuevas formas de acción contra la política y la arte*. In: *Internationale Situationniste*, nº 11, 1967. Madrid: Literatura Gris, 2001, pp. 494 – 496.

_____. *Enragés y situacionistas en el movimiento de las ocupaciones*. Disponível em: <http://sindominio.net/ash/enrages.htm> Acesso: 20/07/2008.

YNOONES, Nils. *Introdução – Sobre o MIL-GAC*. Disponível em: <http://www.oocities.org/autonomiabvr/mil.html> Acesso em: 20/06/2015.

SOBRE O AUTOR

Marcus Vinícius Costa da Conceição é doutorando em Sociologia pela Universidade Federal de Goiás (UFG).

Recebido em 01/08/2015

Aceito em 15/12/2015